

A PALAVRA SOB GERÊNCIA DO PROFESSOR E O ENGAJAMENTO DOS ALUNOS NO ENQUADRE DA INTERAÇÃO PRINCIPAL QUESTÃO PARA SALA DE AULA

Savanna Souza de Castro – BOLSISTA PIBID-CAPES
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)
Curso de Letras – UESB *campus* Vitória da Conquista/BA

Fernanda de Castro Batista Coelho (Orientadora)
Profa. Dra. Orientadora - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
(DELL) Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens
(PPGCEL) – UESB

A observação da palavra como recurso basilar do professor (COELHO, 2011, 2012) e *lócus* de acesso ao outro (BAKTHIN/VOLOCHINOV, 1999) permite que a docência seja analisada como um exercício de dialogia (COELHO; SOUZA, 2012) que enquadra a linguagem como um advento discursivo (BAKTHIN/VOLOCHINOV, 1999) que permite acessar as representações que professor e alunos fazem de suas tarefas sociointeracionais. O *corpus* é composto de gravações e anotações que foram registrados no diário de campo (vinculados a registros fotográficos). Analisando os dados coletados, foi possível perceber o impacto que a palavra hierárquica do professor exerce sobre os alunos. A pesquisa empreendida confirmou a necessidade de se estudar os significados da estrutura da interação didática, como defende Coelho (2011), e revelou que o modo como os sujeitos lá desempenham suas funções sociointeracionais indicia representações do espaço escolar, da função da aula de língua inglesa e até mesmo das tarefas institucionais de professor e alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra; Interação Didática; Papeis Sociointeracionais

1. INTRODUÇÃO

Partindo do princípio interacionista de que é na interação com o outro que aprendemos e, ainda, que, focalizando o discurso didático, a maior parte da essência da aprendizagem escolar se explica e se constitui no e pelo processo de interação professor-aluno (BRUNER, 1985; COLE, 1985, COELHO, 2011), este trabalho investiga como o agenciamento da palavra (COELHO, 2011) pelo profissional professor na aula impacta nas mostras de interesse (ou não) do aluno ao longo da aula, o que nos estudos em Linguística Aplicada tem sido referenciado como monitoramento da atenção e mostras de engajamento dos alunos no enquadre da interação principal da aula (MATENCIO, 2001).

A observação da palavra como recurso basilar do professor (COELHO, 2011, 2012) e como *lócus* de acesso ao outro (BAKTHIN/VOLOCHINOV, 1999) permite que a docência seja analisada como um exercício de dialogia (COELHO; SOUZA, 2012) que enquadra a linguagem como um advento discursivo (BAKTHIN/VOLOCHINOV, 1999) que permite que se acessem as representações que professor e alunos fazem de suas tarefas sociointeracionais.

Pesquisas dessa natureza permitem que se compreenda a cultura escolar local (ERICKSON, 1993). O trabalho se orienta para a observação dos efeitos do gerenciamento da palavra pelo professor, em função da conquista da atenção dos alunos (sujeitos da pesquisa) e manutenção dessa a aquilo que o professor tematiza (conteúdo programático) no enquadre da interação principal.

2. MÉTODOS

Para apreender o regular da dinâmica interacional de um grupo de 6º ano do ensino fundamental (sujeitos da pesquisa) foram inicialmente realizados seis meses de observação semanal na sala de aula do grupo.

A observação de natureza etnográfica (ERICKSON, 1973, 2005) foi orientada por uma abordagem qualitativa de pesquisa (FLICK, 2005) e geração de dados. O *corpus* é composto de gravações e anotações que foram registrados no diário de campo (vinculados a registros fotográficos).

As leituras teóricas, os mapeamentos conceituais e os encontros de orientação foram essenciais para se chegar à compreensão da sala de aula como lugar de interação, de reconstrução de identidades e de reconstrução de saberes. À guisa de esclarecimento, registramos que os nomes dos alunos, assim, como da professora, são fictícios.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Analisando os dados coletados, foi possível perceber o impacto que a palavra hierárquica do professor exerce sobre os alunos, daí a importância de se mapear expressões que contribuem para a mostra por parte do professor de que ele se preocupa e interessa pelo engajamento do aluno na aula, o que impacta no modo como os alunos interagem com o professor no enquadramento da interação principal. Os episódios de transcrições de aulas abaixo ilustram essa questão.

Os turnos de fala 31 a 40 delimitam a interação no foco do enquadre principal e as falas não numeradas do sujeito Vitor Nunes indicam sua tentativa de estabelecer uma microinteração com o colega a quem dirige a palavra: Vinícius. Para assinalar em que momento exato da interação principal isso ocorreu, há a marcação dos símbolos asteriscos (*, ** e ***). A letra P marca as falas da professora.

31. P: Luís Fernando cadê a folha assinada? ((o aluno se levanta e entrega a folha à P))... ô Ítalo tira essa folha do chão... tá bom ((diz a Luís Fernando depois de conferir a assinatura))... vamos lá “trabalhando com gráficos” Leandro? Leandro? eu estou corrigindo a atividade... de para casa... “trabalhando [com gráficos]* em algumas cidades do nordeste do país o volume de chuvas registrado em janeiro de 2004 foi MAIOR que [a média anual dessas datas]**” o que que é [média anual]***?

Vitor Nunes: [Vinicius?] ((ao ver que o colega não o responde, vira-se novamente em direção à professora))*

*Vitor Nunes: [Vinicius?... tem um lápis pra me emprestar?]***

*Vitor Nunes: [Vini:cius?]***((balança a cabeça em sinal de nervosismo porque o colega não o responde))*

32. Felipe Souza: é [é:::]

Lauanda: [é formal]

Eduarda: [é meio normal]

33. Natã: é uma média normal

34. P: não mé::dia:: ... ANUAL gente...

35. Rafael: é do ano

35. P: do ano parabéns Rafael, média anual média do ano se eu falasse média mensal?

36. Vinícius: [do mês]

37. Als: [é a média do mês]

38. P: semanal?

39. Als: média da semana ((*vários alunos em diferentes pontos da sala dizem quase simultaneamente*))

40. P: então tá bom... média diária?

41. GgrAls ((*em coro*)): do di::a

42. P: i::sso então tem que prestar atenção nesse tipo de coisa

43. Raul: média horá:ria? ((*em tom professoral*))

44. Yan: HORÁ::ria? ((*repetindo o colega que disse em tom baixo*))

45. Raul: da ho::ra

46. GgrAls: ((*risos*))

EPISÓDIO 1

Nesse episódio, o papel do professor foi fundamental para que alguns alunos se engajam-se na interação principal respondendo às perguntas de P, o que vale tanto para a participação de um aluno como, por exemplo, nos turnos 32, 33 e 35, quanto de toda a classe (turnos 37 e 39). É interessante ressaltar que a palavra que a professora direciona ao aluno Rafael parece ter sido essencial para estimular nos outros alunos o interesse de participar e, conseqüente, de se mostrarem engajados e atentos à aula. Isso porque a influência que profissional exerce na gerência da interação foi ilustrado pelo elogio que

o professor direcionou ao aluno Rafael, o que conseqüentemente motivou a participação de outros integrantes do grupo.

Ainda quanto ao papel do professor de gerenciador da interação, cumpre registrar que a estratégia didática de generalizar as adjetivações média de um ano, mês e dia orientadas pela professora conduziu a classe a engajar-se no padrão IRA (Iniciação, Resposta, Avaliação), o que repercutiu em respostas concisas tipicamente escolares.

É relevante apontar que o conhecimento prévio da composição das palavras contribuiu para a resposta, pois a generalização morfológica e o contexto didático foram primordiais, o que sustentou inclusive a brincadeira de dois outros alunos (Raul e Yan) nos turnos 43, 44 e 45, o que, por um lado, um grande grupo de alunos responde rindo e, ao que, de outro lado, P não reage

Análises de outros episódios evidenciaram o posicionamento hierárquico do professor. No episódio 2, há características instigantes e questionáveis da atitude discursiva da professora.

116. P: não... temos que olhar a numeração ao lado... pode escrever aí... quem escreveu errado é pra corrigir, eu não to aqui pra:: falando só pra ficar olhando pra minha cara não... quem escreveu sim... faz favor de corrigir... a resposta é não... por que? porque precisa de olhar o número que está ao lado da coluna...

117. Natã: na coluna quase não tem nada a ver...

118 P: pronto Vitor Hugo? então tira o lápis da boca... “letra d discuta com seus colega e professor quais os possíveis prejuízos causados a vida da população pelo excesso de chuvas”

EPISÓDIO 2

Ao fazer a releitura da aula, é possível perceber o quão ríspidas são as palavras do professor em alguns momentos da aula, como se leu no turno 116 em que P demarca a hierarquia de seu papel social sob os alunos durante a correção da atividade curricular dever de casa. Isto é perceptível quando P enfatiza uma de suas funções didático-pedagógicas: validar as respostas corretas. Pena que P não permite que o aluno expressem como chegaram a suas respostas, o que possibilitaria que juntos, professor e aluno, pudessem reelaborar a resposta que melhor sintetizasse os cálculos previstos no conteúdo, porque assim os alunos seriam mais autores das respostas demandadas pelo

material didático, o que permitiria uma participação mais dialógica na e para construção da aprendizagem e o professor seria tanto mediador, quanto coautor do processo educativo do aluno.

Ao observar o episódio transcrito, percebemos que a palavra do professor exerce forte influência no modo como os alunos elaboram e, assim, organizam a informação em pauta pelo docente, assim, como se vê, no turno 117, o posicionamento do aluno Natã demarca sua incompreensão e mesmo dificuldade de leitura quando enuncia que “na coluna quase não tem nada a ver...”, o que P negligencia, dado ao fato que não dialoga com o comentário do aluno.

A palavra é o principal vínculo estabelecido na relação entre o mediador (professor), o aluno e o conteúdo programático com vistas à aprendizagem do aluno.

É, portanto, por meio da palavra que expomos o processo de (re)elaboração da informação socializado-as no ambiente educacional e social escolar que a sala de aula representa. O impacto e as consequências que o trabalho com a palavra pode exercer no aprimoramento da aprendizagem é inquestionável. O aluno precisa da liberdade de expressão para, assim, externalizar suas dúvidas e promover inquietações nos outros alunos com quem convive no dia a dia interacional da turma que integra, caso contrário suas manifestações serão sucumbidas pelo medo da expressão. Cabe ao professor estabelecer uma ponte amigável, ou não, que facilite a interação dialógica.

Os resultados obtidos validam os questionamentos levantados, provando e verificando que a palavra é o principal meio para a (re)elaboração de saberes na interação didática. Os dados revelaram que os perfis dos alunos recorrentemente estereotipados no dia a dia interacional do grupo e comuns na cultura escolar ocidental como, por exemplo, “bom aluno, aluno atento, aluno descompromissado” são em alguma medida reforçados na dinâmica da sala de aula e que isso parece repercutir no agenciamento da palavra pelo professor no interior da interação principal.

Em termos mais discursivos, pôde-se reunir nos dizeres dos sujeitos indícios que atestam que nesse ano escolar o interesse pela disciplina inglês, que acaba de ser introduzida no currículo escolar, está bastante vinculado ao modo como o aluno dessa etapa de escolarização percebe o professor da disciplina, o que, por sua vez, está diretamente atrelado ao modo como o professor se coloca/projeta discursivamente na sala de aula e em especial como nesse movimento interacional da aula ele se estabelece

na dialogia com cada um dos alunos em especial e com todo o grupo. Tudo isso, o que consequentemente, como se viu, reflete no desempenho qualitativo e quantitativo do alunado.

4. Considerações Finais

A pesquisa empreendida confirmou a necessidade de se estudar os significados da estrutura da interação didática, como defende Coelho (2011), e revelou que o modo como os sujeitos lá desempenham suas funções sociointeracionais (o que dizem e como dizem, se silenciam ou não, assim como o que fazem ou deixam de fazer) indicia representações do espaço escolar, da função da aula de língua inglesa e até mesmo das tarefas institucionais de professor e alunos.

Uma vivência de pesquisa como essa contribuiu para que, eu, como bolsista de iniciação a docência (PIBID) compreendesse melhor aquilo que subjaz o trabalho do professor com a palavra em sala de aula e os inúmeros efeitos e defeitos desses usos.

5. Referências

BAKHTIN, M., VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1999.

BRUNER, J. Vygotsky: a historical and conceptual perspective. In: J. V. Wertsch (Ed), **Culture, Communication and cognition: Vygotskian perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

COELHO, Fernanda de Castro Batista; SOUZA, Ester Maria Figueiredo. Contrapontos entre linguagem e educação: a docência como objeto de discurso. (2012b). **In: Anais II SEMFEX – Seminário sobre Formação de Professores em Exercício**. Formação de professores em exercício: cenários contemporâneos, setembro 2012, Volume 1, Número 1, UFBA, 2012, P.1-16. ISSN 2316-3399.CD-ROM.

COELHO, Fernanda de Castro Batista. **A construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula: o agenciamento da palavra em dois grupos: um alemão e um brasileiro**. 2011. 266f. Tese (Doutorado em Linguística e em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_CoelhoFCB_1.pdf

COLE, M. The zone of proximal development: where culture and cognition create each other. In: WERTSCH, J. V. (ed.). **Culture, communication and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 146-161.

ERICKSON, Frederick. Studying Side by side: collaborative action ethnography in educational research. In: SPÍNDLER, George; HAMMOND, Lorie (Org.). **Innovations in Educational Ethnography: theory, methods and results**. Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 235-258.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography “ethnographic”? **In: Council on Anthropology and Education Newsletter/Antropology & Education Quarterly**, v.4 (2). Washington, 1973, p. 10-19.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 1ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. 312p.